

Pesquisa sobre poluição no Rio Tapajós estava errada

Luiz Dacosta

Antonio José

BELEM — O Departamento Nacional de Produção Mineral divulgou em fevereiro deste ano um relatório sobre a poluição por mercúrio no Rio Tapajós cujos números estavam errados. A afirmação é do professor Manoel Quaresma da Costa, do Centro de Geociências da Universidade Federal do Pará, que, com base na mesma pesquisa, encontrou números dez vezes inferiores. Isso significa que a poluição do rio, um dos mais belos do mundo, pode não ser tão alarmante quanto prevê o DNPM. Mas não quer dizer que ainda não é motivo para preocupação, como desejam fazer crer muitos interessados diretamente na questão. Segundo o professor Quaresma, houve um erro de cálculo.

Não era intenção do pesquisador ao apresentar cálculos dez vezes menores aos exibidos pelo DNPM tornar o quadro mais suave. Até porque, o responsável pelo primeiro relatório, Pedro Coqueiro, é um dos seus mais diletos alunos de pós-graduação, o que, segundo imagina Quaresma, afasta a possibilidade de os números terem sido deliberadamente manipulados para atender a outros interesses que não os da própria pesquisa. Os cálculos do professor apenas confirmam, na pior das hipóteses, que os garimpeiros do Tapajós utilizam irracionalmente mercúrio na exploração de ouro e que esse metal já se encontra na natureza nas suas formas mais nocivas aos seres vivos. A tese do professor sustenta a dos ecologistas quanto à necessidade de uma atitude imediata e séria das autoridades em relação à preservação do meio ambiente no Rio Tapajós.

Agredido de todas as formas, o rio está se tornando barrento como o Amazonas. Antes, suas águas eram azuis e límpidas, mas as atividades de mineração às suas margens mudam a paisagem e ameaçam a fauna e a flora. A cor da água pode ser recuperada com o cessar das explorações garimpeiras. O que não desaparecerá tão cedo, segundo especialistas do DNPM, Museu Goeldi e Universidade Federal do Pará, é a poluição por mercúrio. Ao contrário, seus efeitos serão crescentes, intensos e mais graves com o decorrer do tempo.

Garimpo cresce. — Oficialmente, a área ocupada pela reserva garimpeira, criada em 1958, é de 28,7 quilômetros quadrados, mas na realidade os garimpeiros já ocupam mais de 600, conforme dados do DNPM. A área de garimpagem já se estende do Rio Jamaná até a Serra do Cachimbo, na divisa com Mato Grosso. São mais de 200 mil garimpeiros espalhados por 500 garimpos, que produzem cerca de oito toneladas de ouro por ano. Todos usam mercúrio em excesso para separar o ouro dos rejeitos e lançam nos córregos e igarapés perto de 14 toneladas do metal, que toma em pouco tempo forma orgânica, atingindo a cadeia alimentar e o próprio homem.

A cidade de Itaituba, onde funcionam 200 casas de compra de ouro, apresenta o mais alto nível de contaminação da região, devido à queima da liga ouro-mercúrio. Os efeitos desta prática já estão sendo detectados pelos pesquisadores, ainda que as taxas sejam divergentes, motivadas por vários fatores que não a má fé



Em fevereiro passado, o diretor do DNPM, Idmilson Mesquita, apoiado pelos resultados de uma pesquisa realizada pelo Centro de Geociências da Universidade Federal do Pará, fez uma veemente denúncia da degradação ambiental no Rio Tapajós, comparando-a com o acidente ocorrido na Baía Minamata-Ximo, no Japão, provocado pelo lançamento de rejeitos contaminados por mercúrio por uma fábrica de cloreto de vinílico. A contaminação se deu de forma letal.

O anúncio provocou reações, principalmente da União dos Sindicatos de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal), que acusou o DNPM de manipular os resultados da pesquisa com o objetivo de favorecer o ingresso de empresas de mineração na área. Os números exibidos por Mesquita, dez vezes acima das taxas reais, apontavam para um contexto catastrófico. Se o professor Quaresma estivesse em Belém, nada teria acontecido, porque o relatório não seria liberado sem que todos os procedimentos tivessem sido cumpridos. Mas o DNPM tinha pressa em alertar para o problema, no entendimento de Quaresma, e exigiu que o técnico Pedro Coqueiro, aluno de pós-graduação, emitisse o relatório apenas com um procedimento de análise. Criou-se, em consequência, um clima de desconfiança quanto às verdadeiras intenções do DNPM. Mas Quaresma e Coqueiro dizem agora que a diferença entre seus cálculos não altera o fato de que já existe no meio ambiente do Rio Tapajós mercúrio em forma orgânica, capaz de produzir um desastre ecológico a longo prazo.

A tolerância do mercúrio em seres humanos é de 0,02 ppm (partes por milhão) no sangue, e na urina, de 0,2 ppm. Das 70 amostras analisadas (35 de sangue e 35 de urina), Coqueiro apontou 58 com contaminação acima dos níveis toleráveis e Quaresma apenas 36 (16 de sangue), o que não invalida a tese, segundo vários técnicos, de que o processo de degradação ambiental é real e preocupante.

Contaminado pode morrer ou ficar cego

O mercúrio na forma metálica é praticamente inofensivo aos seres vivos, mas quando toma a forma orgânica sofre transformações no ambiente que o tornam nocivo. Lançado em grandes proporções na natureza, representa uma ameaça crônica e crescente. As pessoas atingidas por traços acima dos toleráveis apresentam fraqueza muscular, cegueira, paralisia, bloqueio cerebral e podem chegar à morte.

O risco acontece quando o vapor é oxidado, transmutando-se em mercúrio iô-

nico, que, em contato com a água, passa por uma gama variada de complexos e anéis com substâncias orgânicas, reduzindo-se para mercúrio metálico (que se evapora), e para metil-mercúrio ou dimetil-mercúrio, forma pela qual alcança a cadeia alimentar e, em seguida, o homem.

A explicação é do geólogo Carlos Rogério, responsável pelo setor de meio ambiente do DNPM, e foi corroborada pelo professor Quaresma. A contaminação ambiental e da vida selvagem por diversos agentes químicos derivados do mercúrio a curto prazo se reflete nos homens, ainda que não diretamente envolvidos na atividade garimpeira. Na natureza, os teores de mercúrio são baixos, chegando de 1 a 2 ppm em certos tipos de solo, a 1 ppm na hidrosfera, e a quase nenhum na atmosfera, apesar de ser volátil até zero grau centígrado.